Atores na construção do mercado do etanol: as organizações de representação de interesses como foco da análise[1]

Martin Mundo Neto

Resumo
A partir da noção bourdieusiana de campo foram analisadas algumas dimensões do processo de transformação do setor sucroalcooleiro. Este processo estaria sendo marcado pela aproximação de grupos industriais tradicionais e investidores, nacionais e internacionais. Um efeito desta aproximação seria o deslocamento da ênfase que atores chave passaram a dar na apresentação das atividades da indústria. A estratégia seria se distanciar da tradicional indústria produtora de açúcar e álcool, e fortalecer a imagem da indústria enquanto produtora de bionergia sustentável. O foco do estudo foi duas das principais organizações de representação de interesses da indústria: a Cooperativa dos Produtores de Cana de Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo – COPERSUCAR e a União da Indústria de Cana de Açúcar – UNICA.

Palavras chave
Indústria sucroalcooleira. Sociologia dos mercados. Sociologia econômica.

Abstract
This work focuses on some dimensions of the transformations in the sugarcane sector based on Bourdieu's notion of field. These transformations occur within a major process, in which the approximation among traditional industries and national and international investors becomes salient. One of the effects of this approximation is the displacement of the emphasis that key actors give to the presentation of the industry's activities. Their strategy is to differentiate themselves from the traditional sugarcane industry and reinforce the industry image as a sustainable bioenergetics sector. The study focuses on the two main organizations that represent the sector: The Cooperativa dos Produtores de Cana de Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (COPERSUCAR) and the União da Indústria de Cana de Açúcar (UNICA).

Keywords
Sugarcane industry. Sociology of markets. Economic sociology.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos questões relativas aos combustíveis fósseis, fundamentalmente petróleo, têm intensificado debates políticos e acadêmicos. O esgotamento das reservas naturais destas fontes de energia e as conseqüências ambientais derivadas de seu intenso uso pelas sociedades industriais estão no centro dos debates. A busca por fontes de energia alternativa para suprir a futura falta de petróleo gera uma disputa entre atores interessados em defender as possíveis alternativas tanto dos concorrentes como de seus críticos. A crítica mais aguda sugere que as bases sociais da produção e do consumo na sociedade sejam redefinidas, no sentido da redução do consumo de energia. Mas essa não é a visão predominante. Predomina a busca de alternativas que possam substituir as fontes fósseis e ampliar a oferta conforme a tendência de crescimento da demanda.

É neste contexto que o álcool combustível passa a integrar o grupo das potenciais fontes de energias alternativas aos combustíveis fósseis disponíveis para serem adotadas em escala mundial. Na indústria sucroalcooleira, desde o inicio desta década, o conjunto de investidores, nacionais e internacionais, vem ampliando significativamente (SALTORATO; MUNDO NETO, 2007). Os gestores de fundos de *private equities* teriam incluído a indústria sucroalcooleira no seleto grupo de negócios "alvo" do capital de risco (VALOR FINANCEIRO, 2007). Segundo Froud e Williams (2007) os gestores de *private equity* e *venture capital* estariam entre os atores responsáveis pela configuração do capitalismo contemporâneo. Participam da estruturação dos negócios, da estrutura do capital, mas fundamentalmente da definição da estrutura organizacional e a forma de administrá-la. Após ingressar nos negócios trabalham no sentido de valorizar os ativos da empresa, particularmente por meio da alavancagem financeira. Preparam-se para o desinvestimento, ou saída dos negócios, preferencialmente via abertura de capital das empresas. Eles seriam os "intermediários" do capitalismo financeiro que, na maioria das vezes, extraem elevada margem de lucro dos negócios nos quais tomam parte (FOLKMAN et al., 2006). Os novos investidores, particularmente os ligados a indústria de capital de risco, seriam importantes fontes de força que estariam contribuindo para as transformações na indústria canavieira (MUNDO NETO, 2008).

A justificativa dos novos investidores estaria ancorada na idéia de que estariam investindo em inovação tecnológica, em tecnologia capaz de produzir energia renovável e muito mais sustentável do que as fontes fósseis. Os benefícios ambientais estariam fortemente amparados pelas métricas do mercado de crédito de carbono. A partir dos parâmetros de Kyoto, a indústria sucroalcooleira pôde ser entendida como fornecedora de energia renovável, geradora de crédito de carbonos (NEVES; CONEJERO, 2007). Seu histórico ambiental negativo estaria, gradativamente, caindo no esquecimento, ainda mais quando à nova representação acrescentam-se soluções

1. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no XIV – Congresso Brasileiro de Sociologia 28 a 31 de julho, 2009, Rio de Janeiro (RJ). GT: Sociologia Econômica, com o título "Atores na construção do mercado do etanol: a UNICA como foco da análise".

para as questões trabalhistas, como por exemplo, a mecanização do corte de cana de açúcar e a regulamentação do contrato de trabalho para o corte manual.

Um interesse comum a aqueles que participam da indústria, particularmente os grupos tradicionais, os investidores e o Estado, é a expansão do mercado de bioenergia (*ethanol*, biodiesel, energia elétrica). As novas biotecnologias seriam aliadas neste processo, pois ampliam o leque de possibilidades, seja em termos das potenciais fontes de biomassa seja em termos de novos produtos[2]. A expansão deste mercado seria acelerada se o álcool combustível (*ethanol*) fosse reconhecido como *commodity*. Daí o enorme esforço por parte dos interessados em defender o etanol no âmbito internacional. Mas, para torna-se uma *commodity*, seus partidários estão sendo chamados a demonstrar sua sustentabilidade. Entre os grupos dominantes, particularmente aqueles que ingressaram no mercado de capitais, a governança corporativa tornou-se o modelo de gestão e as "boas práticas" empresariais estariam associadas à profissionalização da gestão, à adoção de modernos sistemas de gestão do tipo ERP (*Enterprise Resource Planning*), de preferência sistemas reconhecidos internacionalmente, e o desenvolvimento de projetos de cunho socioambiental, particularmente aqueles projetos classificados como Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (MDL) (MUNDO NETO, 2008). Por um lado, essas transformações estariam sendo motivadas pela necessidade de demonstrar as vantagens dos negócios aos potenciais investidores e, por outro, para ser apresentada como uma alternativa viável de energia (renovável, sustentável) para ser adotada em âmbito mundial. Grande parte do movimento de expansão, seja por meio de fusões ou aquisições, seja por novos projetos, tiveram a participação de representantes da indústria de capital de risco por meio do mecanismo de *private equity*, inclusive, o Estado, por meio da subsidiária BNDESPar (MUNDO NETO 2008; 2009).

Neste artigo procuramos indicar como duas das principais organizações de representação de interesses da indústria sucroalcooleira, participam do processo de transformação em curso. Trata-se de indicar a nova configuração assumida pela Cooperativa dos Produtores de Cana de açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (COPERSUCAR) e das recentes iniciativas da União da Indústria de Cana de Açúcar (UNICA). Para tanto, recorreu-se a literatura específica sobre o tema, às publicações institucionais disponibilizadas pelas organizações analisadas e aquelas veiculadas na imprensa de negócios.

2. A INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA COMO CAMPO

Para os estudos sobre economia Bourdieu (2005) sugere a noção de campo em contraposição à idéia de setores ou ramos industriais, tradicional na teoria econômica dominante. Bourdieu (2005) sugere que nos estudos econômicos a dimensão histórica seja considerada e o mercado entendido como um processo de construção social.

2. O ethanol de segunda geração seria obtido de um conjunto mais amplo de matéria primas, ricas em biomassa, por meio de biotecnologia transgênica. Além de novas mátrias primas, novos produtos poderão ser obtido nestes processos. Um exemplo para este fim é a joint venture entre a empresa norte-americana AMYRIS e o grupo SÃO MARTINHO, um dos principais grupos nacionais (SCARAMUZZO, 2009).

Este processo seria resultado da disputa pelo poder em espaços específicos. O campo econômico seria constituído por diversos subcampos nos quais atores, notadamente os grandes grupos empresariais e representantes do Estado, participam decisivamente de sua estruturação. Um ator econômico possui uma força que é função do volume e da estrutura do capital que ele detém. O capital apresenta-se simultaneamente em diferentes formas. De acordo com Bourdieu, no campo econômico,

> o capital financeiro é o domínio direto ou indireto (por intermédio do acesso aos bancos) de recursos financeiros que são a condição principal (com o tempo) da acumulação e da conservação de todas as outras espécies de capital. O capital tecnológico é o portfólio de recursos científicos (potencial de pesquisa) ou técnicos diferenciais (procedimentos, atitudes, rotinas e competências únicas e coerentes, capazes de diminuir a despesa em mão-de-obra ou em capital, ou de aumentar o rendimento) susceptíveis de serem implementados na concepção e na fabricação dos produtos. O capital comercial (equipe de venda) deriva do controle de redes de distribuição (armazenagem e transporte) e de serviços de marketing e pós-venda. O capital simbólico reside no controle de recursos simbólicos baseados sobre o conhecimento e o reconhecimento, como a imagem da marca (*goodwill investment*), a fidelidade à marca (*brand loyalty*), etc. (BOURDIEU, 2005, p. 25).

O capital organizacional, particularmente a informação e conhecimento sobre o campo, e o capital jurídico, em especial os arranjos contratuais e as relações com o Estado, são também importantes fontes de força no campo (BOURDIEU, 2005).

A estrutura do campo é função da distribuição das forças entre os atores que participam do campo. A posição que cada ator econômico ocupa no campo depende da estrutura de seu capital específico que, por sua vez, contribui para a configuração do próprio campo na sua totalidade. A estrutura do campo e a distribuição dos capitais entre os agentes determinam o processo de reprodução do próprio campo. O ator que possui pouco capital, dificilmente consegue mudar sua posição no campo, permanece numa posição subordinada, posição dominada. No decorrer do tempo, os grupos líderes, dominantes no campo, procuram garantir sua posição ou melhorá-la. As mudanças no campo estariam relacionadas principalmente ao capital tecnológico que, associado aos outros capitais, possibilitam o sucesso de novos agentes que raramente são pequenos. Os novos atores no campo são, na maioria das vezes, resultado da fusão entre atores do campo e grandes grupos econômicos, dominantes em outros campos, que procuram aproveitar possibilidades no campo em questão (BOURDIEU, 2005, p. 27).

Fligstein (1990) indica que, para existirem, os campos organizacionais dependem do reconhecimento mútuo entre atores que atuam em diferentes organizações e compartilham concepções de ações legítimas. Segundo Fligstein (2003) um mercado estável assemelha-se a um campo organizacional, dado seu elevado grau de institucionalização. As instituições que sustentam os mercados seriam os direitos de propriedade, uma vez que "constituem relações sociais que definem quem tem direito aos lucros de uma empresa"; as estruturas de governança, ou as normais gerais, formais e informais, que interferem nas relações entre as empresas e a estrutura organizacional da própria empresa; as concepções de

controle que "referem-se aos entendimentos que estruturam as percepções de como funciona o mercado e que permitem aos actores uma interpretação do seu mundo e o controlo sobre as situações"; e das normas de transação que "definem quem pode negociar com quem e estipulam as condições sob as quais se processam as transacções".(FLIGSTEIN, 2003, p. 195-197). Segundo Fligstein (1990), quando as fusões e aquisições entre empresas se intensificam, as instituições que garantem o funcionamento dos mercados se modificam. A reestruturação do campo e as novas estratégias que passam a predominar seriam resultados do novo quadro institucional.

De acordo com Fligstein (2003), a noção de campo organizacional permite que a análise ocorra num nível mais geral, macro analítico, envolvendo, no caso do campo econômico, os principais grupos empresariais, investidores institucionais e o Estado. Ela pode ser adotada no nível intermediário de análise (mesoanalítico) onde ocorre o detalhamento dos principais grupos que dominam o espaço, das organizações de representação de interesses, dos investidores institucionais que participam do espaço específico, das organizações governamentais que atuam diretamente no subcampo. Também pode ser adotada num nível de análise ainda mais circunstanciado (microanalítico), na análise de organizações específicas, pois segundo Bourdieu (2005), internamente, uma organização se comporta conforme um campo. A noção de campo permite a integração dos níveis analíticos, bem como identificar a distribuição dos capitais mais relevantes no campo e as instituições dominantes.

Fligstein (2009) apresenta a idéia de atores sociais hábeis para explicar a formação, estabilização e transformação dos diferentes campos organizacionais. Para o autor, a habilidade social é entendida como "a habilidade de motivar os outros a tomar parte em uma ação coletiva", "que se prova crucial para a construção e reprodução de ordens sociais locais" (FLIGSTEIN, 2009, p. 71). Quando oportuno, indicamos alguns dos principais atores sociais hábeis ligados ao campo sucroalcooleiro em geral e à UNICA em particular, bem como o conjunto de capitais que permitem considerá-los como tais.

Tanto Bourdieu (2005) como Fligstein (1990; 2003) enfatizam a importância do Estado para a estruturação dos mercados. O Estado é entendido como uma importante fonte de força que atua nos campos organizacionais seja definindo as regras que orientam as ações econômicas seja monitorando os atores. O Estado também interfere diretamente na oferta e na demanda de alguns produtos e na redistribuição da renda por meio dos tributos e ações sociais. O Estado desenvolve políticas para controlar o abuso do poder econômico e, por outro lado, os grandes grupos econômicos procuram se adaptar às novas regras e, concomitantemente, pressionam o Estado no sentido de que seus interesses sejam atendidos Fligstein (1990, p. 19).

As instituições que sustentam o mercado do açúcar e do álcool vêm sendo definidas desde os tempos coloniais. Garcia Jr.(2002) indica como as formas específicas de organização da *plantation*, fruto do trabalho político das elites agrárias, desde o fim do século XIX, teria resultado no arcabouço institucional em torno do Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA). O IAA, criado no inicio dos anos de 1930, prevaleceu atuando em favor dos interesses dos herdeiros das famílias que, historicamente, dominaram estas atividades. Durante a existência

do IAA, foi marcante a dependência que parte das unidades produtivas tinha em relação aos subsídios provenientes do Estado, uma vez que "a diferença de produtividade dos rendimentos agrícolas entre o Centro-Sul e o Nordeste é uma constante de 1930 a 1990" (GARCIA JR., 2002, p. 46). O IAA administrou os mercados do açúcar e do álcool com extrema abrangência, controlando os mercados, a exemplo do acompanhamento da aérea plantada, do volume de produção de cada unidade produtiva, da comercialização e do controle dos preços Szmrecsányi (1979).

Até a década de 1990, o poder no campo sucroalcooleiro esteve concentrado nas famílias tradicionais, donas de grandes extensões de terras e com capacidade de exercer poder sobre o Estado. Conforme indicado por Garcia Jr. (1988), na transição do mundo do engenho de cana-de-açúcar, cujas bases estavam nas instituições coloniais, para o da grande escala industrial, o Estado teve papel central. O IAA teria sido o principal instrumento de gestão dos mercados do açúcar e do álcool durante o período conhecido como da modernização conservadora (GARCIA JR., 1988, p. 19). No processo de modernização da indústria canavieira, além da centralidade do Estado, ocorreu um deslocamento do centro do poder deste campo organizacional, historicamente situado na região Nordeste do país, para a região Centro-Sul, particularmente o Estado de São Paulo que, na safra 2009/2010, foi responsável pelo processamento de 60,9% do total de cana-de-açúcar cultivada no país[3].

Na década de 1970, motivado pela grande crise do petróleo, o Estado criou o Programa do Álcool (PROALCOOL) cujo objetivo principal era desenvolver uma fonte de energia alternativa ao petróleo, ou pelo menos à gasolina. Direcionado para ao mercado doméstico e operacionalizado pelo IAA, o PROALCOOL teve duas fases bem definidas: de 1975-1979 direcionada para a produção de álcool anidro, aquele que é adicionado à gasolina; de 1979-1989 voltado para a produção de álcool hidratado, substituto da gasolina. Os incentivos à indústria automobilista também marcaram este período (PAULILLO; MELLO, 2005). O IAA e o PROALCOOL foram sustentados pela idéia de que o Estado deve ocupar papel central no processo de desenvolvimento de uma indústria ou de uma sociedade. Mesmo que com regimes políticos distintos, a posição de Estado intervencionista predominou do período da criação do IAA até o fim da década de 1980. O enfraquecimento do IAA e sua posterior extinção estariam relacionados a um conjunto de fatores: esgotamento do Fundo Especial para Exportação (FEE), financiadora do Instituto; ampliação das possibilidades para o setor e dos atores envolvidos com o ingresso de grande parte deles no setor de energia; pressões da Cooperativa dos Produtores de Cana de açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (COPERSUCAR), principal represente dos industriais no período; carência de infra-estrutura; perda do controle de coordenação do PROALCOOL para uma comissão interminis-

3. A UNICA tornou-se uma das principais divulgadoras de dados estatísticos da indústria como um todo e do estado de São Paulo em particular (UNICA, 2010).

terial (PAULILLO; MELLO, 2005, p. 50).

O fim do PROALCOOL e a extinção do IAA estariam relacionados a mudanças de ordem mais geral, fundamentalmente às idéias liberais importadas do hemisfério norte, trazidas por profissionais ligados à economia e ao direito corporativo (DEZALAY; GARTH, 2000). Este processo teve início nos anos de 1990, notadamente por meio da desregulamentação dos mercados e das privatizações, mas também das operações de fusões e aquisições de empresas (DONADONE; SNELZWAR, 2004). Na década atual, a indústria sucroalcooleira tem se destacado no volume de operações de fusões e aquisições de empresas e na ampliação do capital internacional na estrutura acionária dos principais grupos industriais (MUNDO NETO, no prelo).

No Estado de São Paulo, desde a década de 1930 até a década de 1990, uma das estratégias adotada pelo Estado para operacionalizar o desenvolvimento, primeiro da agricultura, depois da agroindústria foi o incentivo às cooperativas agropecuárias que, no decorrer do tempo, em grande medida, tornaram-se cooperativas agroindustriais (PANZUTTI, 1997). De acordo com o censo do cooperativismo brasileiro, apresentado por Ninaut e Matos (2008), atualmente as exportações das cooperativas agroindustriais mais relevantes para o cenário nacional estão relacionadas a duas das mais importantes matérias primas agrícolas, a soja e a cana-de-açúcar. No primeiro seguimento, destacam-se as cooperativas do norte do Paraná, COAMO, COCAMAR e COROL, em São Paulo a CAROL, em Goiás a COMIGO, que representam parte significativa do volume de soja processada e da oferta de seus derivados, tanto no mercado interno como nas exportações. Para a soja, conforme demonstrado por Heredia et.al. (2009), nos últimos anos, a indústria passou a concentrar suas plantas industriais na região Centro-Oeste, no processo de "colonização" da região, protagonizado pelos "gaúchos". As grandes cooperativas seriam o principal contraponto em relação às grandes multinacionais que operam no segmento (ADM, BUNGE, CARGILL, LDC).

No segmento da cana-de-açúcar, durante as últimas décadas, cooperativas singulares se desfizeram de ativos sucroalcooleiros, vendidos para grupos tradicionais, como o grupo SANTA TEREZINHA que atualmente figura entre os maiores do Brasil (BATISTA, 2010). Também ocorre a venda a novos investidores, como ilustra o notório caso do grupo INFINITY BIO ENERGY[4], um dos principais arranjos de *private equity* no campo sucroalcooleiro (MUNDO NETO, 2008), que assumiu os ativos da Coopernavi (Cooperativa dos Produtores de Cana-de-Açúcar de Naviraí) (SCARAMUZZO, 2006).

A Cooperativa dos Produtores de Cana-de-açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (Copersucar), uma das mais importantes cooperativas agroindustriais brasileiras, nestes últimos anos, sofreu transformações significativas.

3. COPERSUCAR: DE COOPERATIVA CENTRAL À EMPRESA DE ACIONISTAS

A COPERSUCAR,

Cooperativa de Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São

4. O grupo INFINITY BIO ENERGY foi recentemente foi adquirido pelo grupo BERTIN (CAMPOS, 2010).

> Paulo foi criada como cooperativa central em 1959 com o objetivo de comercializar a produção de seus associados. Inicialmente, era formada por dez usinas paulistas e duas entidades cooperativas regionais, a Coopira e a Coopereste. COPERSUCAR (2010a)

Enquanto cooperativa de usineiros, a COPERSUCAR, teve papel central no processo de modernização da indústria sucroalcooleira. Ela teria incentivado e contribuído para o PROALCOOL, atuando no espaço político e institucional. Sua atuação não se restringiu apenas no âmbito dos mercados. Ela impulsionou o desenvolvimento tecnológico da indústria. Em 1979, foi criado o Centro de Tecnologia Copersucar (CTC) que se tornou um dos principais centros de pesquisas canavieiras do país e do mundo. Em 2004, como parte da sua reorientação estratégica e reestruturação organizacional, o CTC desvincula-se da COPERSUCAR e passa a ser denominado de Centro de Tecnologia Canavieira. Desde então, a logística e comercialização dos produtos da indústria tornaram-se o foco da Cooperativa.

Após a liberação dos mercados, a COPERSUCAR passou por mudanças significativas e mesmo inesperadas. Destacam-se as baixas em seu quadro de cooperados. No apogeu, final dos anos de 1970, a COPERSUCAR reuniu mais de uma centena de associadas. Atualmente possui trinta e seis. Além da perda quantitativa, grandes grupos deixaram a COPERSUCAR e passaram a operar independentemente. Em 2005, o grupo NOVA AMÉRICA se retirou da COPERSUCAR, levando o direto de explorar a marca de açúcar refinado UNIÃO, líder no varejo nacional[5]. Em 2008, foi o grupo SÃO MARTINHO que se retirou. Estes dois grupos, junto com os grupos COSAN, GUARANI e INFINITY BIO ENERGY foram os que ingressaram no mercado de capitais brasileiro e que estariam entre os dominantes do campo (MUNDO NETO, 2009). Mas também ocorreram adesões à COPERSUCAR, como a dos grupos FERRARI e PIONEIROS, reforçando o novo perfil dos cooperados: grupos médios ou pequenos, vinculados a famílias tradicionais.

Em 2008, foi anunciada a criação da Produpar S.A., ou COPERSUCAR S.A.

O atendimento aos padrões de excelência dos clientes motiva a Copersucar à permanente superação de desafios e à busca de novas conquistas. Esta postura empresarial e a ambição de antecipar-se às expectativas de crescimento de seus parceiros comerciais e de oferecer soluções diferenciadas orientaram a Copersucar a adotar uma nova estratégia de crescimento, na qual a criação da Copersucar S.A. é um fator determinante. A Copersucar S.A. nasce como a maior empresa brasileira e uma das maiores exportadoras mundiais de açúcar e bioenergia. A empresa foi criada pelos mesmos produtores de açúcar e álcool que integram a Cooperativa de Produtores de Cana-de-Acúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo e passam a ser acionistas da Produpar, holding que detém o controle da Copersucar S.A. Com a nova natureza societária, a empresa terá maior capacidade e flexibilidade para alavancar investimentos para ampliar parcerias estratégicas no Brasil e no Exterior, consolidar sua liderança no mercado interno e ampliar sua

5. Esta operação reforça a tendência em concentrar as atividades da cooperativa em logística e comercialização dos produtos da indústria.

atuação global COPERSUCAR (2009a).

Com esta estratégia a COPERSUCAR protagonizou uma operação emblemática e que indica a busca de adequação organizacional ao modelo de empresa dominante no campo. Adotou uma estratégia que contribui para o processo de homogeneização das formas organizacionais em um dado campo organizacional (DIMMAGIO; POWELL, 1991). Mudou sua estrutura organizacional e aderiu ao modelo de empresa que, recentemente, passou a predominar entre os grupos dominantes no campo, a empresa de acionistas (MUNDO NETO, 2009). A criação da COPERSUCAR S.A. tenciona com os princípios cooperativistas "clássicos"[6] e segue as prescrições da literatura dominante no agronegócio brasileiro. De acordo com Grynszpan (2009), as iniciativas de Ney Bittencourt de Araújo, considerado um dos patronos do agronegócio brasileiro, além de contribuir para a institucionalização da idéia de agronegócio no Brasil, foi fundamental para a articulação entre a Associação Brasileira de Agribusiness (ABAG) e o Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial (PENSA), vinculado à Universidade de São Paulo (USP). De acordo com Décio Zylbersztjan, uma das principais lideranças do PENSA, "para o caso das cooperativas, a preocupação com governança corporativa é mais importante do que para empresas de acionistas, posto que ela carece do mecanismo controlador de mercado para resolver ou mitigar os seus problemas de agência." (ZYLBERSZTJAN, 2002, p. 14). No formato de uma cooperativa tradicional não seria possível a "Gestão Moderna", ou a

> Gestão por resultados, racionalização de custos e despesas, foco na agregação de valor para *acionistas*[7] e clientes, agilidade na tomada de decisão e profissionalização das atividades executivas são as práticas adotadas pela Cooperativa nos últimos anos e incorporadas pela Copersucar S.A.
>
> Para adotar a gestão de processos, a Cooperativa foi uma das primeiras empresas brasileiras a implantar o SAP para informatizar e integrar suas operações, aumentando a eficiência e a produtividade na prestação de serviços aos clientes e aos produtores acionistas. Entre outras ferramentas de gestão, adotou o value based management, que orienta as decisões do negócio para a geração de valor, e instrumentos de gestão de riscos que avaliam de aspectos estratégicos aos operacionais, em todas as etapas da cadeia. O desempenho dos funcionários, avaliado segundo o balanced score card, reforça o comprometimento dos colaboradores com a missão e os objetivos da organização (ZYLBERSZTJAN, 2002, p. 14).

As "ferramentas" de gestão de natureza financeira são consideradas uma das bases para a boa governança corporativa. São adotadas nas empresas dirigidas sob a concepção de controle de empresa baseada no acionista (*shareholder value conception of control*) FLISGTEIN (2001), para as

6. SINGER (2002) apresenta a idéia de economia solidária para distinguir as iniciativas cooperativistas que estariam mais próximas do cooperativismo utópico. Para o autor as grandes cooperativas agroindustriais estariam cada vez mais distantes dos princípios cooperativistas e cada vez mais próximas das empresas de capital. A criação da Produpar corrobora com esta observação.

7. O destaque visa chamar a atenção pela substituição do cooperado, típico do vocabulário do cooperativismo, por acionista, termo consagrado nos mercados de capitais.

quais é fundamental gerar indicadores de desempenho financeiro (FOLKMAN et al., 2006). O SAP é o nome comercial do sistema de gestão empresarial integrado do tipo ERP fornecido pela empresa alemã SAP, uma das líderes do segmento no mercado internacional. Operar com o SAP é como obter uma espécie de "selo"[8] que sinalizaria preocupação com as "boas práticas" de governança corporativa, assim como a "gestão baseada no valor" (*Value Based Management*), e o *Balanced Score Card* (BSC), que pode fornecer indicadores de produtividade e outros indicadores de natureza financeira. Desta forma, mesmo ainda não atuando no mercado de capitais, a COPERSUCAR engrossa o grupo de empresas que operam segundo a lógica financeira dominante. Aproximadamente um ano após a criação da PRODUPAR, a apresentação oficial é atualizada.

> Nos últimos anos, a Copersucar fortaleceu a governança corporativa, concentrando a participação dos cooperados nos conselho fiscal e de administração e profissionalizando a gestão. O Conselho de Administração e a Copersucar S.A. têm na presidência um executivo profissional COPERSUCAR (COPERSUCAR, 2010b)

A COPERSUCAR S.A adotou uma espécie de governança corporativa "familiar" (MUNDO NETO, no prelo) que contribui para a manutenção das relações de poder na esfera particular de cada grupo que continuam sob controle de famílias tradicionais. Além da adequação em termos de modelo de empresa, a COPERSUCAR tornou-se um dos principais grupos representados pela UNICA.

4. A UNICA E AS NOVAS FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DOS INTERESSES SUCROALCOOLEIROS

A União da Indústria de Cana de Açúcar (UNICA) surgiu, em 1997, como resultado da fusão de diversas organizações de representação de industriais após a desregulamentação dos mercados do açúcar e do álcool, no início da década de 1990. De acordo com Paulillo e Mello (2005) ela nasceu da tentativa de conciliar interesses conflitantes entre as antigas organizações de representação, em especial a Associação das Indústrias de Açúcar e Álcool (AIAA) e a Sociedade dos Produtores de Álcool de São Paulo (SOPRAL). Esta última seria uma das principais organizações originadas durante a segunda fase do PROALCOOL para representar os interesses das destilarias independes e que, pouco depois, congregou também as usinas que se desligaram da COPERSUCAR. Os conflitos giravam em torno da defesa da continuidade da intervenção estatal e do livre mercado. A posição majoritária na UNICA era a favor da liberalização do mercado. Com a liberalização dos mercados do açúcar e do álcool a UNICA se fortaleceu.

Uma das principais ações da UNICA, na época da sua criação, foi realizada em parceira com a Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (ORPLANA): a criação do Conselho de Produtores de Cana-de-Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo (CONSECANA). O CONSECANA é um conselho paritário formado por representantes dos produtores de cana e dos industriais, responsável pela instituição de um sistema de pagamento

8. Uma espécie de recurso, um capital simbólico.

para a cana crua independente do Estado e que passou a vigorar, primeiro no Estado de São Paulo e depois no restante do país.

A UNICA ilustra a força das novas formas de representação do empresariado nacional que caracterizou o período de liberalização da economia da década de 1990, mas também a sobreposição das novas formas de representação com aquelas da tradição corporativa indicada por Boschi e Diniz (2000), uma vez que seu presidente executivo tem ocupado também a presidência tanto do Sindicato da Indústria do Açúcar no Estado de São Paulo (SIAESP) como do Sindicato da Indústria da Fabricação do Álcool no Estado de São Paulo (SIFAESP). Se considerarmos a caracterização dualista do sistema de representação do empresariado nacional, apresentada por Boschi e Diniz (2000), na transição de Estado intervencionista para Estado regulador, na indústria sucroalcooleira as esferas oficiais de representação junto ao Estado se enfraqueceram enquanto as esferas de representação alternativas ("associações extracorporativas") se ampliaram e se fortaleceram.

Grün (2003) indica como a idéia de governança corporativa predominou sobre a de câmaras setoriais, enquanto forma de estruturar o desenvolvimento de políticas setoriais para as diferentes indústrias. A UNICA tornou-se um modelo de representação de interesses do campo sucroalcooleiro. Como ocorre no âmbito das empresas dominantes no campo sucroalcooleiro, a constituição dos conselhos e das diretorias executivas, requisitos básicos da "boa" governança corporativa, na UNICA, constituiu-se o conselho deliberativo e a diretoria executiva para articular a indústria como um todo, para adequá-la às idéias que garantiriam sustentabilidade das atividades produtivas, fundamental para a aceitação internacional e reconhecimento do etanol como *commodity* energética. Desta forma, a UNICA propõe realizar a governança da indústria, sua inserção na sociedade, particularmente junto a investidores, consumidores e o Estado.

Para atrair investidores as empresas precisam demonstrar viabilidade econômica, mas também são cada vez mais questionadas quanto à compatibilidade de suas ações em relação às dimensões ambientais e sociais. A "sustentabilidade" passa a ser um requisito obrigatório para aqueles que operam nas atividades sucroalcooleiras. A plasticidade do termo e o embate para definição do conceito de "sustentabilidade" no espaço econômico refletem parte da luta pelo poder no seio da sociedade. Para compreender essa disputa recorreremos à noção de polissemia, apresentada por Bourdieu (1989) e sintetizado por Donadone e Grün (2001) como sendo o

> sentido parcialmente compartilhado para um determinado conceito, sob o qual os entendimentos implícitos em torno de sua definição se fixam. Este compartilhamento apenas parcial garante um mínimo de acordo e evita uma crise na relação entre os contendores, para depois evoluir como conflitos simbólicos, em que cada parte tenta registrar como correta a sua versão específica (DONADONE; GRÜN, 2001, p. 113).

Os grupos sucroalcooleiros, por meio de estratégias orquestradas pelas organizações de representação dos industriais do setor, particularmente a UNICA, procuram cada vez mais se distanciar da imagem de vilões ambientais e do histórico negativo em termos de relações sociais (seja nas relações trabalhistas seja naquelas com as comunidades no seu entorno) para tornarem-se exem-

plo de negócios sustentáveis. A Responsabilidade Social Corporativa e a Gestão Ambiental que, segundo Grün (2005), tornaram-se pilares da Governança Corporativa brasileira estão presentes nos comunicados institucionais da maioria das empresas do campo, mesmo aquelas que não participam diretamente do mercado de capitais.

Em 2008, a UNICA ocupou posição crítica no projeto que criava a Cartilha de Sustentabilidade para os biocombustíveis elaborada com a participação de grandes corporações (a Shell, Petrobras, British Petroleum, Bünge, Toyota), e das ONGs WWF e Amigos da Terra-Amazônia Brasileira. A UNICA defendeu, em especial, a dimensão econômica da sustentabilidade, ou seja, que os projetos de produção de biocombustíveis fossem avaliados também em função da viabilidade e eficiência econômica (BARROS, 2008).

A UNICA é formada por 119 associadas "responsáveis por mais de 50% do etanol e 60% do açúcar produzidos no Brasil" UNICA (2010). No Conselho Deliberativo da UNICA predominam representantes dos grupos que dominam o campo. O conselheiro é composto pelo seu presidente executivo (profissional do mercado) e por vinte e cinco representantes de algumas de suas principais associadas. Grande parte dos conselheiros são executivos dos grupos dominantes no campo que operam na lógica financeira predominante no capitalismo contemporâneo, seja por operarem em mercados de capitais (COSAN/NOVA AMÉRICA, SÃO MARTINHO, GUARANI), ou por serem executivos de subsidiárias de grandes grupos econômicos, dominantes em outros campos, (LDCbioenergia, ETHbioenergia/BRENCO), ou serem executivos envolvidos com operações de fusões e aquisições nas quais participaram grupos internacionais (MOEMA/BÜNGE, EQUIPAV/SHREE RENUKA), ou ainda por estarem ligados à COPERSUCAR (SÃO MANUEL, PIONEIROS, ZILOR, FERRARI, COCAL) (MUNDO NETO, no prelo). Os representantes destes grupos industriais seriam os principais responsáveis por trazerem para a UNICA a concepção de controle dominante no mercado de capitais, a concepção de controle de empresa que valoriza o acionista (FLIGSTEIN, 2001; FLIGSTEIN; DAUTER, 2007). A composição do conselho deliberativo da UNICA reforça a concepção de empresa de acionista junto à UNICA e à indústria como um todo, na medida em que a governança corporativa torna-se o modelo de gestão virtuoso para os grupos que participam do campo.

O conselho de administração da UNICA é composto pelos "acionistas" mais importantes e sua diretoria é profissionalizada, a exemplo de seu presidente executivo (CEO), Marcos S. Jank[9], que antes de ser executivo consagrou-se com um referencia acadêmica nos estudos sobre o agronegócio brasileiro. Fligstein (2003) sugere a metáfora "o mercado enquanto política" para que possamos compreender melhor a dinâmica dos campos organizacionais. Bourdieu (1998) indica porque a ciência é uma das principais fontes de força de legitimação das ações no campo político.

O campo político é pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos ou, melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma par-

9. Maiores detalhes do mini currículo de Marcos S. Jank está disponível http://www.unica.com.br/.

te ou a totalidade dos profanos. O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, do seu silencio, mas também da força desse mesmo grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima no campo político. A força das idéias que ele propõe mede-se, não como no terreno da ciência, pelo valor de verdade (mesmo que elas devam uma parte da sua força à sua capacidade para convencer que ele detém a verdade), mas sim pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece, nem que seja pelo silêncio ou pela ausência de desmentido, e que ele pode manifestar recolhendo as suas vozes ou reunindo-as no espaço. É o que faz com que o campo da política – onde se procuraria em vão uma instância capaz de legitimar as instâncias de legitimidade e um fundamento da competência diferente do interesse de classe bem compreendido – oscile sempre entre dois critérios de validação, a ciência e plebiscito[10] (BOURDIEU, 1998, p. 185).

A UNICA participa do campo econômico e do campo político, mas conta com significativas contribuições do campo científico. Além da constituição de uma diretoria executiva profissionalizada, a UNICA tem reunido lideranças, defensoras do etanol, que transitam no campo científico, no campo econômico e no campo político, ampliando significativamente o poder da organização em diferentes esferas da sociedade brasileira e do ambiente internacional. Entre as suas principais ações para ampliar a legitimidade do etanol de cana de açúcar como fonte de energia sustentável, destaca-se o ETHANOL SUMMIT: fórum de debates internacional sobre o etanol e outras fontes de energias alternativas, reunindo pesquisadores, lideranças políticas, investidores e demais interessados. O ETHANOL SUMMIT foi instituído como um evento bianual organizado pela UNICA e patrocinado por empresas, associações, representantes de governo que compartilham de interesses em torno dos negócios da indústria em geral e do etanol em específico. Entre as lideranças políticas e econômicas, celebridades, nacionais e internacionais, que participaram das duas edições do SUMMIT, estiveram, em 2007, o mega investidor George Soros que ingressou na indústria canavieira nacional com o grupo ADECOAGRO, associada da UNICA, e o ex-presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Na edição do SUMMIT de 2009, esteve presente o ex-presidente norte-americano Bill Clinton que possui investimentos no grupo BRENCO, e o presidente Luis Inácio Lula da Silva, defensor do etanol brasileiro e também, dos industriais[11]. O grupo BRENCO, um dos principais arranjos de *private equity* na indústria sucroal-

10. Não é por acaso que a sondagem de opinião manifesta a contradição entre dois princípios de legitimidade antagonistas, a ciência tecnocrática e a vontade democrática, alternando as questões que convidam ao juízo de perito ou ao desejo de militante.

11. O presidente Lula, na ocasião da visita do presidente norte-americano (George Bush) ao país, declarou: "Os usineiros de cana, que há dez anos eram tidos como se fossem os bandidos do agronegócio neste país, estão virando heróis nacionais e mundiais, porque todo mundo está de olho no álcool. E por quê? Porque têm políticas sérias. E têm políticas sérias porque quando a gente quer ganhar o mercado externo, nós temos que ser mais sérios, porque nós temos que garantir para eles o atendimento ao suprimento" (FOLHAONLINE, 20 mar. 2007).

cooleira (MUNDO NETO, 2008), é representado no conselho da UNICA pelo Sr. Henri Philippe Reichstul[12].

Entre as celebridades acadêmicas presente no SUMMIT ETHANOL, destaca-se o físico e ex-reitor da Universidade de São Paulo, José Goldemberg, um dos pioneiros na academia a defender o etanol de cana de açúcar e o ex-ministro da agricultura Roberto Rodrigues. Goldemberg, desde a época do PROALCOOL tem atuado em agencias governamentais ligadas à energia, defendendo a produção do etanol de cana de açúcar como uma energia alternativa. Sua avaliação está focada na análise da eficiência energética do etanol de cana, ou seja, quantas unidades de bioenergia são geradas para cada unidade de energia fóssil empregada. Ele foi homenageado na segunda edição do ETHANOL SUMMIT 2009 pelas contribuições para o desenvolvimento da indústria sucroenergética. Na ocasião, Goldemberg aproveitou para reforçar que há espaço para a expansão do etanol de primeira geração.

De acordo com Grynszpan (2009), Roberto Rodrigues, foi outro ator central no processo de institucionalização da idéia de agronegócio no Brasil, seja pela sua atuação direta no campo sucroalcooleiro, seja pela contribuição acadêmica, seja pela ação política, como liderança cooperativista ou ocupando posições de destaque em órgãos governamentais e privados. Conferencista do ETHANOL SUMMIT 2009, recentemente ele passou a atuar como gestor de investimentos em negócios sucroalcooleiros, nos moldes da indústria de capital de risco, por meio da empresa AGROERG, da qual é fundador (JORGE, 2008).

Atualmente a UNICA consolidou-se como a principal organização dos interesses dos industriais[13]. Ela tem atuado em duas grandes frentes: ambiente internacional e ambiente doméstico. Sua missão é "liderar o processo de transformação do tradicional setor de cana-de-açúcar em uma moderna agroindústria capaz de competir de modo sustentável no Brasil e ao redor do mundo nas áreas de etanol, açúcar e bioeletricidade", e suas prioridades concentram-se em iniciativas para tornar o etanol uma *commodity* e as empresas associadas "modelos de sustentabilidade sócio-ambiental" UNICA (2009).

12. Na Governança Corporativa da BRENCO, Henri Philippe Reichstul é apresentado como Conselheiro e Diretor-Presidente Executivo e um de seus sócios-fundadores. Anteriormente, ele foi Presidente da Petrobras, da Globopar, do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Diretor Vice-Presidente Executivo do Inter American Express Bank S.A. Atuou também como membro do Conselho de Administração da Eletrobras – Centrais Elétricas Brasileiras S.A. BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, do CEF – Caixa Econômica Federal e da Coinbra (Louis Dreyfus – Brasil). É membro do Conselho de Administração da Ashmore Energy International, da Repsol-YPF, da PSA-Peugeot Citroen, do Conselho Consultivo da Lhoist do Brasil. O capital acumulados por Reichstul o coloca numa posição de destaque na BRENCO, na UNICA e no próprio campo sucroalcooleiro.

13. Existem outras organizações de representação dos industriais nas regiões produtoras (no estado do Paraná a ALCOPAR, por exemplo, opera em parceira com a UNICA). Em São Paulo a ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA DA FABRICAÇÃO DE ÁLCOOL, AÇÚCAR, SIMILARES E CONEXOS – UDOP é uma das principais "concorrentes"da UNICA. Apesar de ter surgido para representar os interesses das destilarias independentes do Oeste Paulista, durante a segunda fase do PROALCOOL, com o surgimento da UNICA, ela perde força. Atualmente a UDOP ampliou sua área de representação para aqueles envolvidos com a produção de Biodesel.

De acordo com Boltanski e Chiapello (2009) o capitalismo pode ser entendido a partir de "uma fórmula mínima que enfatiza a *exigência de acumulação ilimitada do capital por meios formalmente pacíficos*" Boltanski e Chiapello (2009, p. 35). Mas os absurdos que este sistema engendra tanto nas relações sociais de produção como em relação à acumulação ilimitada de capital, só pode ser aceito mediante justificações compartilhadas e

> é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela. Essas justificações sejam elas gerais ou práticas, locais ou globais, expressas em termos de virtude ou em termos de justiça, dão respaldo ao cumprimento de tarefas mais ou menos penosas e, de modo mais geral, à adesão a um estilo de vida, em sentido favorável à ordem capitalista. Nesse caso, pode-se falar de *ideologia dominante*, contanto que se renuncie a ver nela apenas um subterfúgio dos dominadores para garantir o consentimento dos dominados e que se reconheça que a maioria dos participantes no processo, tanto os fortes como os fracos, apóia-se nos mesmos esquemas para representar o funcionamento, as vantagens e as servidões da ordem na qual estão mergulhados (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 42)

Se o capitalismo é relativamente constante, o mesmo não ocorre com seu espírito. A evolução do capitalismo estaria associada às críticas, historicamente recebidas, que cumpririam "um papel de impulsor das mudanças do espírito do capitalismo" (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 61). Aqueles que estão à frente da UNICA procuram justamente dar um novo sentido à indústria sucroalcooleira, dar um novo espírito aos negócios sucroalcooleiros. Este esforço pode ser percebido desde a campanha para substituição do termo álcool combustível para etanol, ou de sucroalcooleiro para sucroenergético, ou ainda na adoção de novas expressões, como bioenergia e biocombustíveis, e, fundamentalmente, na defesa da sustentabilidade das atividades produtivas. A defesa apóia-se na diferenciação do etanol de cana de açúcar, muito mais eficiente energeticamente, do que aquele produzido a partir de outras matérias-primas, em particular o milho, utilizado pelos Norte Americanos e a beterraba, entre países Europeus (JANK; NAPPO, 2009).

Jank e Nappo (2009) indica que as vantagens ambientais do etanol de cana estariam ligadas à geração de energia elétrica a partir do bagaço e da palha da cana, do uso de resíduos industriais com fertilizantes nas lavouras, diminuindo a dependência de insumos industriais petroquímicos. Diversos exemplos de práticas agrícolas de gestão ambiental são indicados, mas parece haver uma sobrevalorização das vantagens. Por exemplo, considerar a incorporação da palha da cana para enriquecimento do solo e como prática conservacionista (minimiza a erosão eólica) e ampliar a produção de etanol por meio de biotecnologia transgênica, concorrem pela mesma biomassa, e se computadas simultaneamente superestimam o potencial energético da cana-de-açúcar.

A adoção da abordagem *multistakeholder*, promovendo o "Grupo de Diálogo da Cana-de-açúcar" (GDC) entre as empresas e a sociedade, é a forma de discutir e encaminhar as soluções para as críticas. No GDC,

> a sociedade civil é representada pela Federação dos Trabalhadores Rurais Assalariados

do Estado de São Paulo (FERAESP), Instituto Observatório Social, o Global Reporting Iniciative (GRI), Conservação Internacional (CI). The Nature Conservancy (TNC), World Wildlife Fund (WWF). SOS Mata Atlântica e Amigos da Terra – Amazônia Brasileira (JANK; NAPPO, 2009, p. 38).

A articulação entre a indústria e a sociedade é sugerida e "facilitada" pelo Instituto para o Agronegócio Responsável (ARES). Entre as "boas práticas" socioambientais, a iniciativa de antecipar o fim da queimada de cana de açúcar em relação ao prazo estipulado pela legislação, ganha destaque. A solução para os problemas centrais do corte manual de cana de açúcar (queimada e trabalho precário) é a colheita mecanizada. O problema do desemprego em massa é resolvido pela qualificação profissional e recolocação do pessoal nas atividades do corte mecanizado (motoristas e operadores de máquinas).

A UNICA vem participando das negociações em torno da normatização do trabalho de corte de cana manual (VALOR ONLINE, 2009). Ele agora deverá ser regido por um contrato formal de trabalho entre as indústrias ou proprietários rurais e os trabalhadores do corte de cana, sem a participação dos "gatos".[14] Essa possibilidade ganha força e adesão dos industriais no momento de intensificação da mecanização da colheita e diminuição expressiva do número de trabalhadores envolvidos no corte manual de cana de açúcar.

Para garantir que suas associadas desenvolvam práticas sustentáveis, a UNICA investe na "certificação socioambiental de biocombustíveis" a partir dos "três pilares da sustentabilidade (tripple bottom line): ambiental, social e econômico[15]." (JANK; NAPPO, 2009, p. 48). Para auxiliar suas associadas no processo de adequação ao modelo exigido para obter a certificação, a UNICA possui uma consultoria interna de sustentabilidade. Se destaca também o incentivo a projetos que sejam enquadrados como Mecanismos de Desenvolvimento Limpo (projetos MDL), modelo sugerido, a partir do protocolo de Kyoto, para viabilizar o mercado de créditos de carbono. A mudança de sentido para as atividades sucroalcooleiras estão, em grande medida, relacionadas à difusão da idéia de reduzir ou compensar a emissão de gases que provocam o efeito estufa. A geração de energia elétrica a partir do bagaço de cana de açúcar tem sido considerada exemplo de projeto MDL para a indústria sucroalcooleira e apresentada como exemplo de estratégia sustentável (MENEGUELLO; CASTRO, 2007; NEVES; CONEJERO, 2007; JANK; NAPPO, 2009).

Apesar das forças em torno da defesa do etanol como energia sustentável, as críticas persistem. Weid (2009) faz uma síntese das principais críticas atuais disparadas à indústria sucroalcooleira. Indica trabalhos científicos sobre a eficiência energética do etanol de cana de açúcar que apresentam resultados diferentes, e menos oti-

14. Agentes que fazem a intermediação entre a mão de obra contratada para trabalhar no corte de cana e os proprietários das lavouras canavieiras. Os "gatos" contribuem para agravar ainda mais as condições de trabalho uma vez que não respeitam a legislação trabalhista seja em termos de salários seja em relação às condições de trabalho propriamente ditas.

15. Considerados como equivalente de *People, Planet, Profit* (pessoas, planeta e lucro).

mista, do que aqueles apresentados pelos defensores. Também indica como é equivocada a percepção de que a indústria do petróleo é a principal adversária dos "agrocombustíveis", pois os grandes grupos desta indústria do petróleo vêm investindo em fontes de energia alternativa, particularmente no etanol de primeira e de segunda geração[16]. Outro ponto apresentado é a alta dependência da indústria canavieira dos insumos derivados do petróleo (fertilizantes nitrogenados, combustíveis e lubrificantes). Weid (2009) indica ainda os impactos dos combustíveis sobre a produção de alimentos, mais evidente no caso do milho e pelo menos indiretamente no caso da cana de açúcar. Sachs (2009) indica que há os que acreditam que biocombustíveis só poderão ser sustentáveis se forem produzidos de forma a incluir os agricultores cuja base social de produção é familiar e não na lógica da indústria moderna dominante, organizadas segundo a lógica da agricultura patronal e do capitalismo financeiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com DiMaggio e Powell (1991) as empresas que operam num determinado campo organizacional sofrem um processo de homogeneização que as tornam cada vez mais semelhantes. Isto por que as empresas estariam competindo não apenas por recursos e clientes, mas por poder político e legitimação institucional, por adequação social e econômica. Para ingressarem em novos espaços as empresas adotam instrumentos de gestão que orientaram o comportamento dos seus integrantes no sentido de garantir e ampliar a legitimidade e a confiabilidade da empresa. Indicamos coma a COPERSUCAR assemelha-se cada vez mais com as empresas dominam o campo sucroalcooleiro, e a UNICA apresenta-se como a forma atualizada de representação de interesses e de governança das ações consideradas estratégicas para a estabilidade e expansão do campo. Ela é ao mesmo tempo fruto da concepção de controle que passou a ser dominante no campo (concepção de controle que valoriza a idéia de empresa de acionistas) e um dos instrumentos que reforça esta concepção.

A UNICA mobilizando seus capitais, notadamente aqueles relacionados aos seus participantes diretos ou de seus aliados, contribui para que, na sociedade brasileira e nos diferentes espaços internacionais, a idéia do etanol de cana de açúcar como biocombustível sustentável e a indústria como geradora de bioenergia e alimento[17] ganhe força. Mas também em ações como a realização do SUMMIT ETHANOL, ela contribui para que ocorra a aproximação en-

16. A britânica British Petroleum ingressou investe no etanol brasileiro de primeira geração, visando futuramente fornecer tecnologia para a produção de etanol de segunda geração para os grupos industriais sucroenergético (SCARAMUZZO, 2009).

17. O alimento principal seria o açúcar, mas agora a ênfase está na rotação de culturas (soja e amendoim, principalmente) como prática sustentável. Esta prática é adotada como um diferencial na AGROERG uma vez que seu fundador Roberto Rodrigues foi um dos pioneiros na difusão deste conceito, influenciando o sistema COPLANA (Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba), onde entre os cooperados predomina o plantio de cana de açúcar em rotação com culturas como a soja e o amendoim. Atualmente a COPLANA é uma das líderes na comercialização de amendoim tanto no mercado interno como nas exportações brasileiras.

tre os potenciais investidores, os industriais tradicionais e representantes do governo.

Também pela atuação da UNICA, mesmo os grupos industriais que não abriram o capital, passaram a adotar a retórica da governança corporativa, ainda que parcialmente, seja pelas ações de responsabilidade social empresarial e de gestão ambiental, mas também na adoção de "ferramentas" de gestão de natureza financeira como as que receberam destaque na COPERSUCAR S.A.

A criação da COPERSUCAR S.A pode ser entendida como uma estratégia dos usineiros, que individualmente, contribuem com uma pequena parcela do total da indústria e, portanto, ocupam uma posição dominada no campo, mas que após sua criação tornam-se acionistas. Assim, eles passam a participar do "jogo" dos grandes grupos, apresentando sua governança corporativa, mas também se preservam à frente dos negócios individuais.

Mas, mesmo o fortalecimento da idéia de indústria de bioenergia sustentável e a adoção dos mais altos padrões de governança corporativa entre as empresas que dominam o campo sucroalcooleiro não foi suficiente para garantir o acesso ao grupo de empresas consideradas sustentáveis no mercado de capitais. Ou seja, nenhuma das empresas sucroalcooleiras que operam no mercado de capitais brasileiro figura na listagem do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) da BMF&BOVESPA. Outro fato que desafia os defensores da sustentabilidade sucroalcooleira é que, recentemente, segundo a Companhia Tecnológica de Saneamento Ambiental (CETESB), a indústria sucroalcooleira liderou o ranking das autuações ambientais (CREDENDIO; BALAZINA, 2008).

Nota sobre o autor

Martin Mundo Neto é professor Pleno I da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC-Taquaritinga), Doutorando em Engenharia de Produção (UFSCar), Pesquisador do Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFI).

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

ABRAMOVAY, Ricardo (Org.). **Biocombustiveis**: a energia da contraversia. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2009.

BARROS, Bettina. Biocombustível sustentável já tem a sua "cartilha". **Valor Econômico**, São Paulo, 13 ago. 2008.

BATISTA, Fabiana. Paranaense Santa Terezinha chega ao time das maiores usinas do país. **Valor Econômico**, São Paulo, 11 fev. 2010.

BOLTANSKI, Luc.; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOSCHI, Renato Raul; DINIZ, Eli. Empresariado e Estratégias de desenvolvimento. **Revista Brasileira de Ciencias Sociais**, v. 18 n. 52, p. 15-33, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Econômico. **Política & Sociedade**, n. 6, p. 15-57, 2005.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 322p.

CAMPOS, Eduardo. Bertin compra Infinity Bio-Energy. **Valor ONLINE**, São Paulo, 10 mar. 2010. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2010.

COPERSUCAR. 2009. Disponível em: <http://www.copersucar.com.br/hostsite/2009/produpar.html>. Acesso em: 3 mar. 2009.

COPERSUCAR. 2010. Disponível em: <http://www.copersucar.com.br/hotsite/2010/historico.html>. Acesso em 2 abr. 2010.

_____. 2010b. Disponível em: <http://www.copersucar.com.br/hotsite/2010/gestao.html>. Acesso em: 31 mar. 2010.

CREDENDIO, José Ernesto; BALAZINA, Afra. Setor sucroalcooleiro: Usinas lideram ranking de multas por poluição em SP. **Folha de S. Paulo**, 1 jun. 2008.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant. A Dolarização do Conhecimento Técnico Profissional e do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado, 1960-2000. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n. 43, p. 163-176, 2000.

DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The iron cage revisited: institucional isomorphism and collective rationality in organisational fields. In: POWELL W.W.; DI MAGGIO, P.J.(Org.). **The Neo-institutionalism in organization analysis**. Chicago: Chicago Press, 1991.

DONADONE, Júlio César; GRÜN, Roberto. Participar é preciso! Mas de que maneira? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 111-126, 2001.

DONADONE, Júlio César; SZNELWAR, Laerte Idal. Dinamica Organizacional, crescimento das consultorias e mudanças nos conteúdos gerenciais nos anos 90. **Revista Produção**, v. 14, n.2, 2004.

FLIGSTEIN, Neil. **The transformation of corporate control**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

_____. **The Architecture of Markets**: An Economic Sociology of Twenty-first-century. Princeton University Press, 2001.

_____. O mercado enquanto política: Uma abordagem político-cultural às instituições de

mercado. In: MARQUES, R.; PEIXOTO, J. (Org.). **A Nova Sociologia Economica**: uma antologia. Oeiras: Celta Editora, 2003.

_____. Habilidade social e a teoria dos campos. In: MARTES, A.C.B. (Org) **Redes e sociologia econômica**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FLIGSTEIN, Neil; DAUTER, Luke. The Sociology of Markets. **Annual Review of Sociology**, 2007. 33: 6.1-6.24.

FOLHAONLINE. Presidente Lula chama usineiros de heróis. 20 mar. 2007. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2007.

FOLKMAN, Peter et al. Working for themselves?: Capital market intermediaries and present day capitalism. CRESC, The University of Manchester. November 2006. Disponível em: <http://www.cresc.ac.uk/publications/documents/wp25.pdf> Acesso em: 21 mar. 2007.

FROUD, Julie; WILLIAMS, Karel. Private equity and the culture of value extraction. CRESC, The University of Manchester. Version 2 – February 2007. Disponível em: <http://www.cresc.ac.uk/publications/documents/wp31.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2007.

GARCIA JR, Afrânio Raul. Libertos e sujeitos: sobre a transição para trabalhadores livres do nordeste. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.3, n. 7, p. 6-41, 1988.

_____. A Sociologia Rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 19, p. 40-71, out. 2002.

GRÜN, Roberto. Atores e Ações na construção da governança corporativa brasileira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.18, n. 52, p. 139-161, 2003.

_____. Convergência das Elites e Inovações Financeiras: a governança corporativa no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 58, p. 67- 90, 2005.

GRYNSZPAN, Mário. A afirmação do agronegócio: novos agentes e representações do rural. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33. 2009, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPOCS, 2009.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir; LEITE, Sergio Pereira. Sociedade e Economia do "Agronegócio" no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33. 2009, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPOCS, 2009.

JORGE, Danilo. Grupo de Roberto Rodrigues investirá em usina em Minas. **Valor Econômico**, São Paulo, 4 jun. 2008.

JANK, Marcos Sawaya.; NAPPO, Márcio. Etanol de cana-de-açúcar: uma solução energética global sob ataque. IN: ABRAMOVAY, Ricardo. (Org.). **Biocombustiveis**: a energia da contraversia. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2009. p. 19-57.

MENEGUELLO, Luiz Augusto; CASTRO, Marcus Cesar Avezum Alves de. O protocolo de Kyoto e a geração de energia elétrica pela biomassa da cana de açúcar como mecanismo de desenvolvimento limpo. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v.8, n.1, p. 33-43, mar. 2007.

MUNDO NETO, Martin. Setor Sucroalcooleiro e espaço financeiro: a construção do mercado de "bioenergia". In: Seminário Temático Centralidade e Fronteiras das Empresas no Século XXI, 1. 2007, São Carlos. **Anais**..., São Carlos: UFSCar, 2007.

_____. Desenvolvimento do mercado do etanol: aproximação da indústria sucroalcooleira e da indústria de capital de risco no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32. 2008, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPOCS, 2008.

_____. De sucroalcooleiro a sucroenergético: a construção de um campo organizacional In:

ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33. 2009, Caxambu. **Anais**... Caxambu: ANPOCS, 2009.

_____. **Difusão da lógica financeira e internacionalização da indústria sucroalcooleira brasileira**. (No prelo).

NEVES, Marcos Fava; CONEJERO, Marco Antonio. Sistema Agroindustrial da Cana: cenário e agenda estratégica. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 587-604., out./dez. 2007.

NINAUT, Evandro Scheidt; MATOS, Marcos Antonio. Panorama do cooperativismo no Brasil: censo, exportações e faturamento. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.38, n.8, ago. 2008.

PANZUTTI, Ralph. Transformações do cooperativismo agrícola no estado de São Paulo e intervenção do Estado. **Informações Econômicas**, São Paulo, v.27, n.9, set. 1997.

PAULILLO, Luis Fernando; MELLO, Fabiana Ortiz T. de. Metamorfoses da rede de poder sucroalcooleira paulista e desafios para autogestão setorial. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v.52, n.1, p. 41-62, jan./jun. 2005.

SACHS, Ignacy. Bioenergias: uma janela de oportunidades. In: ABRAMOVAY, R. (Org.). **Biocombustiveis**: a energia da contraversia. São Paulo: Editora Senac, 2009. p. 143-181.

SALTORATO, Patrícia; MUNDO NETO, Martin. A dinâmica financista no setor sucroalcooleiro ou quando a transparência vira moda. In: Seminário Temático: Centralidades e Fronteiras das Empresas do Século XXI, 1. 2007. **Anais**... São Carlos, UFSCar, 2007.

SCARAMUZZO, Mônica. Infinity deve adquirir seis usinas e acertar parceria no Espírito Santo. **Valor Econômico**, São Paulo, 12 dez. 2006.

_____. Companhia petrolífera começa a produzir o biocombustível em escala industrial nos EUA em 2012. **Valor Econômico**, 26 set. 2009.

_____. Parceria entre São Martinho e Amyris vai produzir especialidades químicas. **Valor Econômico**, 4 dez. 2009.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

ÚNICA. 2009. Disponível em: <http://www.unica.com.br>. Acesso em: 3 fev. 2009

ÚNICA. 2010. Disponível em: <.http://www.unica.com.br> Acesso em 15 mar. 2010.

WEID, J. M. V. D. Agrocombustíveis: solução ou problema? In: ABRAMOVAY, R. (Org.). **Biocombustiveis**: a energia da contraversia. São Paulo: Editora Senac, 2009. p. 99-142.

SZMRECSÁNYI, Tamas. **O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil (1930-1975)**. São Paulo: HUCITEC; Universidade Estadual de Campinas, 1979.

VALOR FINANCEIRO Especial: Private Equity e Venture Capital-Como o mercado ajuda a alavancar as empresas. **Valor Econômico**, ano 6, set. 2007.

VALOR ONLINE. Governo prepara normatização para trabalho no setor sucroalcooleiro. 1 jun. 2009. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br/>. Acesso em: 2 jun. 2009.

ZYLBERSZTJAN, Décio. Quatro estratégias fundamentais para cooperativas agrícolas. Working Papers, 02/017. **Pensa**, 2002. Disponível em: <http://www.pensa.org.br/>. Acesso em: 24 mar. 2010.

RECEBIDO EM: 27/10/09
APROVADO EM: 20/04/10